

“ Estávamos na última metade do ano de 2004 e a XISTARCA promoveu este debate. Infelizmente não consegui encontrar a data em que se realizou este debate mas sei que foi no ano de 2004. Os convidados eram de certa forma ilustres, o tema interessante, embora apenas tenham estado 13 pessoas a assistir. Contudo enquanto jovem nestas andanças encontrei algumas respostas às minhas dúvidas, intrometi-me no meio deste debate com alguma coragem e mostrei que as minhas críticas não eram só postadas em fóruns de internet e que igualmente poderiam ser efectuadas frente a frente, cara a cara. Dado que tão pouca gente esteve presente e que salvo erro a única cobertura feita foi por parte da Revista Atletismo venho aqui dar-vos a conhecer o que por lá se passou. De realçar que este texto foi escrito no dia seguinte a esta iniciativa, a quente e sem qualquer alteração. Estão por isso perante o escrito inicial, sem cortes, sem qualquer edição. Desculpem-me por alguma construção frásica mal feita. “, o autor, Edgar Barreira, 2006.

DEBATE: “ O Papel dos Clubes no Atletismo Português: Passado, Presente e Futuro? “

Convidados: Prof. Fernando Mota (FPA); Prof. Moniz Pereira (Sporting CP); Dr. Marcel de Almeida (SL Benfica); João Pedro Cardoso (JOMA)

Moderador: José Abreu (AAL)

Decorreu no dia de ontem e de hoje este Debate realizado em Pedrouços e convocado pela Revista Atletismo com um tema interessantíssimo e que tinha muito por onde explicar e pensar. Os convidados eram ilustres, a plateia de 13 pessoas era informada e esclarecida no assunto, embora isso não explique a “maratona” de 5 horas de debate. Na verdade divagou-se um pouco, com ataques à FPA e onde se comentou entre outros assuntos a noção de “ Atletismo Total “, defendida logo ao início por José Abreu, a questão do calendário de competições da FPA, do marketing da FPA (ou da falta dele), dos clubes-modelo (com o exemplo da JOMA), dos duelos passados entre Benfica Vs Sporting , entre outros. Mas a conclusão que tiro deste debate é que se fugiu demasiado ao assunto, esquecendo-se dos clubes ditos pequenos e ignorando outros técnicos que têm um papel fundamental em vários clubes que não o Sporting CP, SL Benfica, JOMA, Juventude Vidigalense, FC Porto, GRECAS, etc.

Aqui deixo um resumo do que foi:

Iniciado por José Abreu, este debate começou às 21:40 dado alguns atrasos de alguns dos intervenientes, por motivos perfeitamente justificados. Numa curta declaração o moderador explicou os objectivos do debate, deixando aos intervenientes e mais tarde ao público o debate sobre o assunto que tinha muito por onde pensar e debater.

O Dr. Marcel de Almeida, abriu o debate dos convidados começando a buscar a história desde a década de 60 onde na sua opinião os “ clubes eram manipulados pelo governo “ e onde “ as modalidades cresciam por causa de

carolas “. Passando por diversas histórias frizou o papel da Federação Portuguesa de Atletismo (FPA) que apenas começou a “ ter um papel menos passivo “ a partir dos Jogos Olímpicos de Munique (1972) onde se começou a acentuar o duelo entre Benfica e Sporting. Segundo o Dr. Marcel de Almeida a FPA nessa altura “ assistia meramente ao despire “ tendo um trabalho pouco significativo.

É então na década de 70/80 que o “ atletismo cresce de modo exponencial “ até a um dado momento em que os clubes se começam a cansar da falta de actuação da FPA, comentou.

É então que Marcel de Almeida divaga um pouco pelo que é actual e nesse ponto lança alguns tópicos importantes para o debate. Um deles o facto dos dirigentes desportivos não terem formação específica para estarem à frente dos clubes que resulta num consequente fracasso dos clubes actuais. Comentou ainda o “ desinteresse da FPA em apoiar os clubes “e discordou dos clubes-empresa. Mostrou ainda algumas estatísticas onde desde 1999 os atletas federados decresceram, sendo que apenas na época passada houve um aumento. Os clubes segundo esta estatística mantêm-se estáveis.

Por último uma discordância referente ao COP (Comité Olímpico Português) por subsidiar treinadores estrangeiros dando o exemplo de Francis Obikwelu que tem uma treinadora espanhola, e onde os clubes que o formaram (Sporting e Belenenses) nada receberam do COP pela formação de Francis Obikwelu.

Deixou ainda uma questão no ar: “ Porque é que dos 6 milhões de euros gastos na preparação da Alta Competição e Projecto Olímpico em 4 anos, parte da verba não poderia ir para os clubes? “

Terminada a sua intervenção João Pedro Cardoso, presidente da JOMA, tomou a palavra pelas 22h. Começou a explicar um pouco do modelo-sucesso que é a JOMA explicando que “ Atletismo é a modalidade principal do clube “ e onde há um claro “ objectivo de ser o maior clube de Portugal “. Falou ainda da falta de receitas próprias do atletismo, uma das condicionantes para o desenvolvimento da modalidade. Falou ainda das constantes “ guerras “ entre treinadores, clubes, e dirigentes, como mais um dos grandes problemas do atletismo. Realçou também a falta de formação nos dirigentes, realçando também que um dos sucessos da JOMA é a boa gestão orçamental, criticando logo de seguida o modelo de gestão orçamental do Maratona CP e dos clubes-empresa.

O seu testemunho virou-se de seguida para a FPA afirmando que “ devia existir forte investimento da FPA “, mostrando-se descontente com o facto do Campeonato Nacional não ser divulgado na televisão. Falou entretanto na importância da formação no atletismo, onde a JOMA é claramente um exemplo. Voltou de seguida à FPA falando na reformulação do Quadro Competitivo onde acha que o Campeonato Nacional tem poucas provas. Por último falou nos subsídios aos clubes e da ausência do “ Super Clube “.

É então que o “ Senhor Atletismo “, Prof. Moniz Pereira tem a palavra pelas 22:15 com 40 minutos de uma intervenção de memórias, experiências e divagando no seu passado brilhante à frente dos destinos do Sporting Clube de Portugal.

Começou na década de 40 onde diz que “ na altura havia paixão pela modalidade, dos dirigentes “. Pegando na ideia da falta de divulgação na TV do atletismo nacional, o Prof. Moniz Pereira afirma que “ Antigamente não havia TV! A TV deu cabo disto tudo e foi muito prejudicial para a modalidade “ , continuando a dizer que “ os jornais seguiram esta tendência “. Continuando a divagar pelos anos 40,50,60 afirma que “ Selecção Nacional era um misto de Sporting/Benfica “. Nas constates incursões e comparações passado/presente que fez afirma que actualmente “ há carradas de talentos que não são trabalhados por não haver possibilidade de os absorver todos “ onde antes o “ Sporting agarrava os talentos e dava possibilidades de emprego a esses “. Citou exemplos de Carlos Lopes, Armando Aldegalega, José Rocha, Fernando Mamede, entre outros. Continua a percorrer o assunto afirmando curiosamente que “ actualmente há centros de «Baixo» Rendimento que não absorvem as “ carradas “ de talentos “ , de onde conclui “ É claro que estamos em crise! Nós não agarramos os talentos! “.

Falou de seguida da falta de interesse dos próprios municípios e tira logo de seguida mais uma grande conclusão: “ Aquilo que alcançamos no atletismo português são verdadeiros milagres ! “. Conclui também que “ as coisas do atletismo deviam ser ditas nos jornais ! “ e logo de seguida mais um comentário curioso, embora muito real onde diz: “ O nosso país é um país futeboleiro! “.

Virou-se de seguida para o olimpismo e o facto do atletismo ser a modalidade rainha dos Jogos Olímpicos. Criticou nessa sequência o facto de apenas 2 dos 10 estádios do EURO2004 terem pista de atletismo e em mais uma divagação vem uma conclusão que quanto a mim é fenomenal e bastante real: “ É preciso ter o mínimo de condições, mas todas as condições não! “. Isto na sequência de achar que a pista não ter que estar ali ao pé, porque há que haver algum esforço para conseguir as condições, com risco de chegarmos a uma certa monotonia. Quanto a mim uma clara crítica aos centros de Alto-Rendimento.

Quase na sua conclusão de comentário o Prof. Moniz Pereira acha que as entradas para as competições nacionais deveriam ser pagas e relembra os velhos tempos em que o Estádio de Alvalade tinha a bancada totalmente cheia aquando da realização de campeonatos de juniores. Acabou o discurso com a sua ideia de ser importante os clubes portugueses procurarem contactos internacionais, afirmando que voltarmos a ter a “ Taça de Portugal “ seria muito interessante.

É então por volta das 23 horas que Fernando Mota começou a responder às diversas questões e a falar noutros assuntos num longo depoimento que se centrou em demasia na FPA, esquecendo um pouco o assunto do debate.

Começou por falar realmente nos clubes e chega a dizer que “ quando um clube está bem organizado há mais hipóteses de dada modalidade crescer “ e continua, dizendo que “ o problema do atletismo não é do Benfica, nem do Sporting, é um problema nacional! “.

Pegou de seguida na ponta solta deixada pelo Prof. Moniz Pereira e deixou diversas opiniões sobre as pistas de atletismo que a seu ver são a menos e não a mais. Falou da ausência de culpa da FPA quanto à distribuição das pistas e deixou alguns casos quanto a ele concretos, nomeadamente das pistas de Aveiro, Coimbra, Viseu e Porto.

Deixou de seguida umas quantas perguntas retóricas, nomeadamente sobre a destruição das enorme condições para o atletismo que o Benfica tinha, sobre o Sporting ter deixado de ter pista, sobre não haver transmissões televisivas ao que sempre deixou a tal pergunta retórica : “ Que culpa teve a FPA nesta situação ? “.

Divagou de seguida sobre a falta de cultura desportiva em Portugal, onde os governantes não ajudam ao desenvolvimento da modalidade. Passou de seguida para a má situação económica do país, onde os clubes tentam satisfazer os seus associados. Deixou ainda a ideia de que a maioria dos clubes não tem associados, donde igualmente conclui que os clubes-empresa não são o futuro do atletismo português.

Apelou ainda a que os clubes façam a formação e se possível em pista para corresponder ao conceito de “ Atletismo Total “.

Por último deixou a ideia de que “ o problema de uma modalidade assenta na falta do poder económico “ , e a ideia que a FPA tem um protocolo quase assinado com a TV, para a transmissão de competições nacionais.

De seguida procedeu-se á intervenção do público onde praticamente todas as 13 pessoas presentes deixaram a sua intervenção. Falou-se muito no marketing (mais na falta dele) da FPA, nos quadros competitivos, na questão do clube-modelo a adoptar para o futuro, da falta de técnicos da FPA neste debate, das infra-estuturas do atletismo, da falta de cursos de dirigentes entre outros assunto menos falados.

Foi por volta das 02:30, já noite cerradíssima, que este debate terminou com uma última curta intervenção de António Campos que entregou lembranças ao intervenientes convidados.